

# PERSONAGENS NEGROS(AS) DO PASSADO E/OU ORGANIZAÇÕES NEGRAS: REFERÊNCIAS ATUAIS PARA COLETIVOS DE ESTUDANTES NEGRO(AS)

## BLACK CHARACTERS OF THE PAST AND/OR BLACK ORGANIZATIONS: CURRENT REFERENCES FOR BLACK STUDENT COLLECTIVES

Luana Ribeiro da Trindade **1**

**Resumo:** Em 2022, completaram-se dez anos de vigência das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Tendo como foco o resgate da memória a partir dos Coletivos de Estudantes Negros e Negras (CENs) o presente artigo parte do questionamento de como a história, a memória e a trajetória política e de luta antirracista de personagens negros/as do passado e/ou organizações negras influenciam nas ações desses coletivos nas universidades. Sendo assim, o objetivo é refletir algumas estratégias e o movimento de luta dos CENs a partir da história, memória e legado de lideranças ou personagens da história negra brasileira, ou afro-diaspórica e outras organizações negras do passado. Com base em uma reflexão teórico-metodológica motivada pela teoria da representação (HALL, 1996; 1997a; 1997b; 2016) foi possível observar que os CENs, na trajetória de mobilização do movimento negro, representado por esse momento da história, pós-ação afirmativa - expressam forte relação com o histórico de lutas das organizações negras desde a década de 1930, colocando a educação e a necessidade de ocupar espaços de poder como pautas prioritárias.

**Palavras-chave:** Coletivos de Estudantes Negros e Negras. Memória. Identidade. Personagens Negros e Negras.

**Abstract:** Focusing on the rescue of memory from the Black Student Collectives (CENs) this article starting from the questioning of how history, the memory and political trajectory and anti-racist struggle of black characters of the past and/or black organizations influence the actions of these collectives in universities. Thus, the objective is to reflect some strategies and the struggle movement of the CENs from the history, memory and legacy of leaders or characters of black Brazilian history, or Afro-diasporic and other black organizations of the past. Based on a theoretical-methodological reflection motivated by the theory of representation (HALL, 1996; 1997a; 1997b; 2016) it was possible to observe that the CENs, in the path of mobilization of the black movement, represented this moment of history (post affirmative action) express a strong relationship with the history of struggles of black organizations since the 1930s, placing education and the need to occupy spaces of power as priority agendas.

**Keywords:** Black Student Collectives. Memory. Identity. Black Characters.

---

**1** Doutora em Sociologia (pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar), Mestra em Ciências Sociais (pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES) e Pós-doutoranda em Ciências Sociais (pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFES, com bolsa CNPq). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8982688424097281>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7703-7352>. E-mail: [luana.rt@hotmail.com](mailto:luana.rt@hotmail.com)

## Introdução

Quem cede a vez não quer vitória  
Somos herança da memória  
Temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite  
Fato real de nossa história  
(JORGE ARAGÃO, 1992)

O presente artigo tem como foco o resgate da memória a partir dos Coletivos de Estudantes Negros e Negras (CENs) e resulta das reflexões desenvolvidas em uma tese de doutorado (TRINDADE, 2021)<sup>1</sup>. Nota-se que a partir do processo de implementação da política de reserva de vagas reafirmada pela promulgação da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas (BRASIL, 2012) houve um aumento significativo de estudantes negros nas universidades públicas brasileiras. Consequentemente, observamos o crescimento de CENs, isto é, um espaço participativo e autônomo que tem possibilitado o diálogo, a troca, o acolhimento, o fortalecimento, a reconexão com a ancestralidade, a (re)construção de identidade e a produção de novas formas de expressão corpóreo-estética para estudantes que se identificam como negros e negras dentro da universidade.

O estudo supracitado foi realizado com base na *teoria da representação* de Stuart Hall (1996, 1997a, 1997b, 2016), sociólogo britânico de origem jamaicana. Este aporte teórico-metodológico possibilitou-me compreender e descrever os sentidos e significados diversos evidenciados por estudantes negros/as (integrantes e ex-integrantes de coletivos) e as dinâmicas de interações entre os coletivos de quatro universidades da região sudeste<sup>2</sup>. No total foram analisados 17 coletivos: sendo 3 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 3 na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 9 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e 2 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O tipo de entrevista (individual ou coletiva) considerou as diferenças existentes na forma de organização dos mesmos, sendo adequadas às possibilidades e necessidades do coletivo ou integrante, além disso, a escolha de quais membros participariam ficou por decisão do coletivo.

No atual contexto, jovens negros/as – beneficiários de programas de ações afirmativas – em geral, em situação de vulnerabilidade socioeconômica e, majoritariamente, os primeiros de suas famílias a ingressarem na universidade<sup>3</sup>, acabam se deparando com um local sucateado e pautado por percepções e perspectivas eurocêntricas, forjado no âmbito do discurso racista, tradicional e conservador. Sendo assim, relatam um sentimento de não-pertencimento, isso por não encontrarem os seus pares em seus cursos e vivenciarem a discriminação e o racismo, o que também acaba ocasionando doenças, frustrações e abandono do curso.

Diante de tais obstáculos, muitos desses estudantes vêm tornando-se *negros*<sup>4</sup>, ou seja, passam a identificar-se como negro ou negra, tendo a consciência ou sensibilidade para perceber as inúmeras situações de racismo, preconceito e discriminação existentes, conseguindo refletir e posicionar-se criticamente diante desse cenário (TRINDADE, 2018; 2021). Nesse ínterim, acabam questionando a cultura acadêmica por meio de seus corpos-epistemologias (GROSFOGUEL, 2009) organizando-se nos CENs de maneira multiforme e com demandas multifacetárias, rompendo até mesmo com o modelo tradicional de representação política dos estudantes nas universidades, a exemplo, o movimento estudantil que eram os únicos espaços de expressão e organização política dos discentes (MESQUITA, 2001).

Desse modo, dentre as estratégias e ações desenvolvidas pelos coletivos, chama atenção

1 Defendida e publicada no ano de 2021, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Programa de Pós-graduação em Sociologia.

2 Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

3 Como já evidenciado por diversos pesquisadores, tais como Bernadino-Costa et al (2019), Trindade (2018), entre outros.

4 Estou compreendendo a categoria negro enquanto uma autodefinição política e social, empregada pelo Movimento Negro brasileiro e por pesquisadores do campo das relações étnico-raciais e considerando também o contexto caracterizado pelo longo processo diaspórico, movimento esse que une Brasil e África. Bem como, ressalta-se que para fins de estudos demográficos e socioeconômico, a coleta de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) baseia-se na somatória das pessoas autodeclaradas pretas e pardas para obter a totalidade de pessoas negras no Brasil.

a sua dimensão formativa, sendo ela a maneira como buscam e compartilham os conhecimentos aprendidos fomentando o pensamento crítico e o desenvolvimento criativo, bem como realizando um movimento de descolonização curricular trazendo a problematização da ideia de um currículo oficial que se baseia na escolha de determinados conteúdos considerados como legítimos e válidos, pautado em práticas e pensamentos coloniais que não reconhecem a heterogeneidade da sociedade (TRINDADE, 2021).

São nesses coletivos que passam a indagar questões atinentes às relações étnico-raciais e outros assuntos diversificados, demonstrando o silenciamento e/ou ocultamento, o não reconhecimento das trajetórias políticas e de luta de homens negros e mulheres negras, além da desvalorização e invisibilidade da produção intelectual dos mesmos. Em contrapartida a isso, destaca-se o fato de que os integrantes dos CENs buscam nomear os coletivos com nomes de lideranças, personagens negros/as brasileiros ou afro-diaspóricos e organizações negras do passado.

A partir desse contexto, neste artigo, questiono como a história, a memória e a trajetória política e de luta antirracista de pessoas negras do passado e/ou organizações negras influenciam nas ações dos CENs nas universidades, tendo como objetivo refletir as estratégias e o movimento de luta dos CENs fundamentado nos aspectos anteriormente mencionados.

Deste modo, discutir e escrever acerca da memória como um instrumento político nas diversas lutas e trajetórias a partir dos CENs, se mostra relevante socialmente e academicamente, sobretudo para o campo do conhecimento das relações étnico-raciais brasileiras e da educação. Para melhor compreendermos como o legado das lideranças, personagens negros/ as e/ou organizações negras influenciaram nas ações dos CENs, primeiro, é necessário fazer um percurso em uma breve discussão sobre memória, identidade e diáspora; após isso, será desenvolvida uma reflexão sobre algumas estratégias e ações comumente mobilizadas pelos CENs pautadas na dimensão educacional.

## **Memória: um elemento primordial para a construção e reconstrução da identidade**

A memória é um sistema complexo e dinâmico. Posto isto, iniciamos essa reflexão questionando: qual a importância da memória? Como resposta, temos que é a capacidade de armazenar e adquirir informações que vão sendo construídas e criando sentidos por etapas, em um processo que estabelece a relação entre a experiência do passado, do presente e do futuro e muda de acordo com a vivência do sujeito, não sendo linear (TRINDADE, 2018). Assim, é fundamental para a construção e reconstrução da identidade, pois possibilita a cada pessoa e/ou grupo se autoperceber em oposição ao outro. As memórias construídas estão sempre em disputa.

Isso pode ser observado, a partir do contexto histórico do movimento negro no Brasil, em especial, nos finais da década de 1970 quando os movimentos sociais intensificam-se e começam a se reorganizar trazendo pautas de reivindicações após longo período da instauração da ditadura militar (NASCIMENTO, 2002). É nesse cenário que o movimento negro ressurgiu de forma renovada retomando questões relativas à história passada do país e adicionando a elas uma leitura e entendimento transnacional à questão em torno da origem africana (NASCIMENTO, 2002).

O discurso (diferencialista) com ênfase na identidade política e na valorização da cultura negra, assim como na história africana norteou o comportamento da militância (DOMINGUES, 2007; FORDE, 2016; GIACOMINI; TERRA, 2014; PEREIRA, 2010). Consequentemente, as ações e estratégias voltam-se mais incisivamente para combater à discriminação e desmascarar o mito brasileiro da democracia racial que consiste no modelo de relações perfeitas e harmoniosas no que tange os preconceitos raciais existentes.

Atualmente, os CENs trazendo uma resignificação das organizações negras do passado, performatizam uma *comunidade de memória* (APPIAH, 2014) estabelecendo uma conexão com o passado e tendo a África como lugar central. Os estudantes negros e negras mobilizam as suas identidades a partir das experiências ancestrais e expressam sentidos e significados por meio de suas narrativas que evocam a ideia de retorno à África. A exemplo disso, para os integrantes “Grupo Pretos da Psicologia Imárale”, na UERJ, o coletivo pode ser definido como um constante refazer-se

e não de atualizar-se, assim observado:

[...] pensar um novo olhar, buscar uma atitude de fato olhando pra esses espaços que os mais velhos estabeleceram e, através deles, repensar e tomar novas atitudes. Isso é um processo que de fato demanda tempo, paciência, escuta, e acima de tudo demanda atitude. (BENIM<sup>5</sup>, Grupo Pretos da Psicologia Imárale).

Tendo a dimensão do fortalecimento como proposta para o coletivo, eles expressam a importância de cada pessoa ser capaz de ensinar algo, isto é, de transmitir conhecimento e experiências pessoais: dos *mais velhos* (no sentido de trajetória e de vivência) incentivar os *mais novos* a pensar a dimensão espiritual, o afeto e o coletivo. Desse modo, observa-se que o jogo que se estabelece, está voltado ao sentido dado a ideia de pertencimento mediante as novas etnicidades (HALL, 2013). Trata-se de manter o passado, interligando-o ao presente, de maneira a projetar para as novas gerações uma identidade comum possibilitando, então, lançar um olhar para os estudantes negros e negras nas suas negociações e, conseqüentemente, nas suas ressignificações (TRINDADE, 2021).

Nessa direção, Gilroy (2012) e Hall (2013) propõem repensar o conceito de tradição. O contar e recontar histórias (inventadas ou não) preserva uma tradição e reproduzem práticas, costumes e valores do imaginário coletivo desempenhando um papel fundamental para a identidade. A sensação de não-pertencimento faz com que os laços com a terra de origem e a tradição se mantenham fortes.

As identidades culturais não são puras e homogêneas, não estão fechadas sob uma concepção de limites de fronteiras ou territórios, pelo contrário, estão abertas e se compõem em meio às diásporas. Isso significa que, o conceito de diáspora ultrapassa o caráter substantivo de processo de dispersão dos povos colonizados da África para Europa, Américas e Ásia, por isso, esse fenômeno não pode ser encarado como resultado final do trânsito, pois, visto dessa forma, corre-se o risco das tensões e dos conflitos que estão em jogo, que dizem respeito à vida e a morte, não serem percebidos (GILROY, 2012).

A partir dessa ótica, toda a extensão do movimento precisa ser observada: as negociações, as histórias de fugas do cativo, a travessia, as manifestações culturais, as distinções, a hibridez – essa mistura de ideias, de ativistas, de artefatos culturais e políticos, a chegada ao Atlântico, às adaptações, enfim, a experiência da viagem e a transformação das identidades dos africanos escravizados oriundos de diversas etnias que passaram a ser identificados como *negros* (TRINDADE, 2021).

Gilroy (2012) denomina *Atlântico Negro* esse amplo processo de trocas, símbolos e ideias associadas à África como lugar de origem que são redefinidos em contextos culturais locais. Para o autor, a diáspora oportuniza a (re)construção e a elaboração da cultura negra através da combinação com outros elementos, frutos do contato com o mundo globalizado que possibilita a elaboração de novos discursos contra hegemônicos e novos sujeitos sociais.

Sendo assim, a identidade torna-se um conceito central que também vem sofrendo mudanças ao longo da história, ocasionando transformações na concepção de sujeito (HALL, 1997a; 2013; 2015). O sujeito não é, torna-se, visto que a identidade não se constitui *a priori*, mas em processo, em constante movimento. Gradativamente está em construção e reconstrução ao longo do processo histórico conforme as relações, os interesses, ou mesmo do contexto em que se encontra. Em consonância com Silva (2014), a identidade tem a diferença e a similaridade como características importantes, relacionando-se tanto com o que as pessoas têm em comum umas com as outras, quanto com as diferenças.

Conforme pensa Trindade (2021), é possível notar que apesar dos coletivos serem marcados por pessoas que reivindicam uma agência política em torno da categoria negro, eles também são atravessados por experiências diversas, como classe, gênero, orientação sexual, entre outros elementos marcadores de diferenciação (BRAH, 2006; HALL, 2013, 2015; WOODWARD, 2003, 2014), ou seja, fazem parte da unidade, articulam-se e formam diferenças e similaridades provisórias entre

5 Por questões éticas da pesquisa os nomes dos estudantes entrevistados são fictícios.

si. Essas possíveis conexões, é o que Hall (2013, 2014, 2015) chama de *articulação* e, conforme os interesses possibilita especificidades, singularidades e inúmeras formas de reivindicar a negritude. Tal movimento é entendido como a conscientização racial do negro, o sentimento de orgulho da raça, da origem e a valorização da cultura, além da luta pelos direitos políticos, econômicos e sociais. Por um viés histórico, seria uma reação racial negra a uma agressão racial branca (MUNANGA, 2012).

Entendendo a universidade como um espaço historicamente elitista e eurocêntrico<sup>6</sup>, os estudantes negros e negras *aquilombam-se* como estratégia política e de construção de laços mútuos de fortalecimento e solidariedade. Isso pode ser compreendido como a constituição imaginária ou real, de um espaço coletivo (diaspórico) de reconexão com a ancestralidade, resistência, fortalecimento de afeto, acolhimento, (re)construção de identidade, produção de novas formas de expressão e ocupação de espaços sociais que tem garantido aos indivíduos negros uma experiência menos árida na universidade.

Conforme já mencionado, nota-se que as ações políticas dos coletivos estão ligadas por uma linha definida a partir da centralidade da raça e da condição de negro. Entretanto, as diferentes experiências emergem marcando novas possibilidades de atuação desses CENs que fazem parte da unidade articulando-se e formando diferenças e similaridades provisórias (TRINDADE, 2021). Os CENs expressam forte relação com o histórico de lutas das organizações negras desde a década de 1930 - colocando a educação e a necessidade de ocupar espaços de poder como pautas prioritárias, como será explanado no próximo tópico.

## **Dimensão formativa dos CENs: conectando com a ancestralidade - força e motivação**

O projeto de educação desde o período colonial esteve voltado a atender os interesses da elite branca brasileira, em vista disso, o acesso à educação escolar para a população negra era restrito. Porém, no começo do século XX, através de diferentes mecanismos, muitos negros conquistaram o título universitário e obtiveram sucesso na carreira escolhida. Virgínia Leone Bicudo, Abdias Nascimento, Milton Santos, Lélia de Almeida Gonzalez, Beatriz Nascimento entre outros são alguns exemplos dos que foram durante muito tempo inviabilizados na memória e na história da educação universitária no Brasil (TRINDADE, 2018).

No mesmo período, o direito à educação esteve na pauta de luta das organizações negras como forma de superação do racismo. Algumas iniciativas de transformação social surgiram a partir disso, tais como a “Frente Negra”, o “Teatro Experimental do Negro” (TEN), o “Movimento Negro unificado” (MNU) e, doravante a década de 1990, o advento dos cursinhos populares de pré-vestibular, como o Instituto Cultural Beneficente Steve Biko (1992) e a EDUCAFRO (1998).

As lutas pela educação repercutiram em reivindicações para que as escolas tratassem da história, da cultura e participação societária do país. Após décadas de discussões, o Congresso Nacional aprovou a Lei Federal nº 10.639/ 2003 (BRASIL, 2003). Em 2008, entra em vigor a Lei nº 11.645, que prevê também o ensino da cultura Indígena na legislação. O caráter normativo das leis acima mencionadas é ampliado para todo o ensino superior após o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004 regulamentando e instituindo as *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais* e para o *Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, que diz respeito a educação da relações étnico-raciais no âmbito curricular.

Quando se pensa na formação e no conhecimento dos estudantes negros, nota-se que o processo de descolonização dos currículos é parte do movimento empreendido pelos integrantes dos CENs. Estudantes negros e negras mencionam a necessidade do acesso a uma literatura africana ou latina da qual seja viável a leitura de autores que estudam e escrevem sobre a história, experiências

<sup>6</sup> Conforme já discutido em outras oportunidades (TRINDADE, 2018, 2021, 2022) as abordagens históricas da educação superior no Brasil mostram como a universidade é uma instituição com uma estrutura rígida e normatizada desde sua criação no período colonial, pensada a partir de um projeto de educação para atender aos interesses da elite branca.

e as culturas africanas ou afrobrasileiras, além de disciplinas específicas de relações étnico-raciais, história africana, entre outras. Esse movimento também foi demonstrado em diferentes estudos, para citar alguns: Gomes (2012; 2017); Lima (2020); Oliveira, G. (2019); Trindade (2018) e outros.

Conforme demonstrado em Trindade (2021), o Coletivo Negros e Negras da Ciências Sociais – CSo, em novembro de 2017, elaborou uma carta para o Departamento de Ciências Sociais – DCSO/UFES, após pesquisas em documentos publicados pelo Ministério da Educação – MEC e pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI, solicitando a inclusão de pelo menos dois autores negros na grade curricular da graduação em Ciências Sociais. Nessa carta os estudantes também se colocaram à disposição para auxiliar o corpo docente. Gomes (2017) mostra que cada vez mais professores e demais funcionários dentro da universidade são chamados a debater e discutir sobre raça, racismo e relações raciais e os discentes negros chamados a opinar.

Nesse movimento começaram a buscar e ler autores negros e negras das Ciências Sociais. Ruanda (Coletivo Negros e Negras da CSo) estava como monitora em uma disciplina e teve a indicação da professora para incluir Zora Neale Hurston (antropóloga e escritora norte-americana)<sup>7</sup> na relação de escritores. A estudante imediatamente lembrou que havia lido esse nome no livro “*Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*”, de Alex Ratts (2006). Ao localizarem os livros de Hurston, depararam-se com a problemática da leitura em língua estrangeira que, para alguns estudantes, ainda é um desafio. Como resolução, foi criado um grupo de tradução formado por estudantes das ciências sociais e de outros cursos que tinham algum conhecimento em inglês para traduzir os livros<sup>8</sup>, o que possibilitou a inserção e discussão dos textos de Hurston em sala de aula já no segundo semestre de 2018.

Nesse viés, tais universitários:

[...] têm abertamente voltado seus olhares para as obras [de tantos/as autores/as negros e negras que durante anos ou até mesmo décadas foram esquecidos/silenciados pela memória branca] como fontes de estratégias narrativas, a serem repetidas, imitadas e revisadas, por atos de ligação textual<sup>9</sup>. (GATES, Jr., 2008, p. 294, tradução nossa).

Vale mencionar que o espaço virtual também tem facilitado o acesso a uma gama de informações, proporcionando novas e diferentes formas de integração, troca, recriações e conhecimento entre os povos afro-diaspóricos. As redes sociais também têm sido utilizadas pelos CENs como espaço de socialização, organização, luta, produção de conteúdo e representações. Observa-se assim que as ações dos CENs estão mediadas nos espaços presenciais – como a universidade, e virtuais – por tecnologias e artefatos culturais em circulação, tendo em vista as conexões de redes transnacionais e os “deslocamento[s] de idéias, atitudes, sons, imagens, modas, ideologias – aqui chamado de terceira diáspora<sup>10</sup>, uma via tecnológica-digital que permite o deslocamento de signos culturais” (GUERREIRO, 2009, [s.p]).

Ao fazer uma breve pesquisa sobre o que os estudantes negros tem escolhido e lido para ser traduzido, acabei encontrando um projeto de extensão intitulado “*RECânone, Oficina permanente de tradução, interpretação e legendado de materiais indígenas, afrodiáspóricos e latines*”, vinculado ao departamento de Antropologia da Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN). No projeto, além das traduções do inglês para o português de e sobre Zora Hurston, produziram

7 No dia 30 de julho de 2020, integrantes do Coletivo Negros e Negras da CSo com o apoio da Coletivo Negra convidaram o professor Messias Bosque para realizar uma live com o título Zora Neale Hurston: Etnografia e Escrita na trajetória de uma antropóloga negra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3O4X908hTUY&t=275s>

8 Vale resgatar no depoimento de José Correia Leite como a tradução sempre foi algo importante para os intelectuais da diáspora africana. O velho militante relata que naquela época era preciso arrumar pessoas que sabiam inglês para traduzir os jornais que chegavam dos Estados Unidos. (CUTI, 1992).

9 [...] have openly turned to her works as sources of narrative strategies, to be repeated, imitated, and revised, in acts of textual bonding. (p. 294)

10 Para a autora, a primeira diáspora foi por “via da escravidão, ocorreu com os deslocamentos históricos do tráfico negreiro e o retorno de ex-escravos para a África. A segunda, pela via dos deslocamentos voluntários, como a migração de jamaicanos para Londres; de portoriquenhos para New York; de beninenses para Paris; de caboverdianos para Lisboa e NY; de angolanos para o Brasil, etc” (GUERREIRO, 2009, [s.p]).

publicações coletivas e inclusive traduções de espanhol para português.

Como parte da iniciativa, também compilaram diversos textos e materiais visuais escritos por indígenas, afrodescendentes, latinos e africanos (especialmente do Sul global) para serem traduzidos e legendados. A proposta do projeto é descolonizar pensamentos e práticas, questionando o cânone antropológico das ciências sociais e humanas que colocam determinadas “leituras obrigatórias” dentro das disciplinas formativas. Ademais, o projeto em questão busca possibilitar que autores e textos de grande riqueza teórica, epistemológica e política, que foram esquecidos e silenciados durante a história, façam parte da formação educativa (ERICKSON; ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, 2021).

Tais ações podem ser entendidas como um método para desinvisibilizar e promover a reconstrução da memória negra não apenas apresentando os nomes e símbolos, mas contando a história, explicando os significados, problematizando os silenciamentos e apagamentos, e traduzindo livros e materiais visuais, de modo que as experiências e as contribuições para o conhecimento, deixadas por Carolina Maria de Jesus, Patricie Lumumba, Winnei Mandela e tantos outros protagonistas afrodiáspóricos continuem a pertencer e inspirar as futuras gerações e, por conseguinte, realizar o resgate de movimentos anteriores, como o pan-africanista, afrocentrista, negritude e dos eventos realizados pelos homens negros e mulheres negras do passado.

Em conformidade com Costa (2022), ainda é possível dizer que nesse circuito científico muitos autores como Angela Davis, Bell Hooks, Chimamanda Adichie e Conceição Evaristo, passam a serem entendidos como uma literatura possível e, muitas vezes, adotados nos currículos, de encontro com uma postura antiacademista. Além disso,

ganham espaço os conjuntos teóricos do pós-colonialismo, estudos de subalternidade e perspectivas decoloniais, os quais, apresentando como ponto de convergência a reflexão sobre os efeitos da história de colonização sobre diferentes experiências nacionais (países africanos, sul-asiáticos e latino americanos, respectivamente), propõem o deslocamento do processo de produção de conhecimento, em um movimento de autonomia em relação às perspectivas centrais elaboradas nos centros europeus ou americanos, seja pela crítica à insuficiência dos referenciais tradicionais para pensar experiências particulares, seja pela inserção de outras perspectivas para a compreensão da própria realidade, como no caso da adoção de referenciais de grupos étnicos na América Latina (COSTA, 2022, p.11).

Nota-se a existência na percepção dos estudantes negros e negras o anseio pela mudança nos conteúdos curriculares. Considerando isso, é preciso realmente que os CENs também discutam e questionem a estrutura racial dos currículos de forma mais ampla, ponderando quais as demandas, os temas e as perspectivas trabalhadas, uma vez que “[...] a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber” (GOMES, 2012, p.107).

As discussões e estudos de epistemologias negras ainda são tratados por meio de disciplinas optativas na maior parte das universidades pesquisadas no estudo em questão. As experiências trazidas pelos estudantes também mostram que o corpo docente ainda têm dificuldade de desenvolver práticas antirracistas e não eurocêntricas, tendo posturas racistas que silenciam e discriminam. Vale relembrar o caso do Professor Malaguti, na UFES e o posicionamento do Coletivo Negra frente à situação (FORDE, 2016; NASCIMENTO, 2016; SANTOS, 2014; TRINDADE, 2021).

Alguns integrantes dos CENs relatam o sentimento de não pertencimento à universidade (esse não-lugar construído para negros e negras) e de, muitas vezes, não encontrarem os seus pares nos cursos ou departamentos. Essas inquietações levaram-me a refletir acerca da solidão do intelectual negro na universidade, pois mesmo com a existência dos coletivos é possível notar que, no século XXI, esse sentimento ainda se faz presente em muitas trajetórias de estudantes negros e negras.

Trata-se de um processo de *confinamento racial* de negros dentro do espaço universitário, como demonstrou Carvalho (2007) já vivenciado pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), intelectual esse que, mesmo com sua formação, a vasta experiência profissional, publicações

de textos e artigos nas mais diversas áreas não pode fazer carreira docente na academia. Na década de 1950, quando o estudo sobre o negro era consolidado quase que exclusivamente por pesquisadores brancos, Alberto Ramos foi excluído e silenciado do espaço universitário realizando um “trabalho de forma quase isolada, pois, fora do ambiente acadêmico, não tinha sustentação institucional” (SILVA, 2017, [s.p]).

Podemos dizer, que se trata do questionamento da coexistência de dois mundos feitos pela *dupla consciência* (DU BOIS, 1999) de fazer parte desse espaço, ter a necessidade de dar conta de uma formação que é oficialmente reconhecida, mas não serem reconhecidos, tendo que, ao mesmo tempo, buscar uma “formação paralela”, como disse uma estudante em uma das entrevistas. Assim, alguns pesquisadores acabam buscando preencher lacunas de currículos isentos de atividades que eles(as) consideram fundamentais para a formação almejada e ter fôlego para manter a militância.

Nesse processo de *formação paralela*, também é possível notar como a música e a literatura têm sido fontes de inspiração para os estudantes por trazerem problemáticas que não são debatidas em sala de aula, além de conectá-los com a sua ancestralidade fornecendo motivação e força necessária para continuarem enfrentando todos os desafios. Vale ressaltar, que a política e a cultura para a população negra nunca estiveram separadas.

A metáfora do “atlântico negro” de Paul Gilroy é fundamental para reforçar essa reflexão. O autor traz ao longo do texto as experiências de negros diaspóricos na interação compreendida como sistema cultural, tais como a música, que fornece “ao mesmo tempo, produção e expressão dessa transvalorização de todos os valores precipitada pela história do terror racial no Novo Mundo” (GILROY, 2012, 94) e as obras literárias, que “expressam o poder de uma tradição de escrita na qual a autobiografia se torna um ato ou processo de simultânea autocriação e auto-emancipação” (GILROY, 2012, p. 151).

Nesse *triplo movimento de formação*, que de certa forma, também é uma busca de conhecimento sobre suas próprias histórias, os(as) integrantes dos CENs estão tencionando as universidades, principalmente, nos seus aspectos de produção de conhecimento e funcionamento, buscando assegurar e garantir os direitos do(a)s estudantes negros e negras. Nesse contexto, procuram realizar diferentes ações formativas e educativas como espaços de debates, roda de conversas, grupo de estudo e oficinas, muitas vezes, mediadas por pessoas negras convidadas trazendo pautas a fim de problematizar questões relacionadas às relações étnico-raciais, como corporeidades negras, representação, luta antirracista, currículo, entre outros, concomitante às intervenções e eventos artísticos e culturais.

Além disso, em vários momentos, estão presentes em seminários, congressos e outros eventos com pautas diversificadas, que se configuram como espaços em que os estudantes podem apresentar e debater suas produções acadêmicas<sup>11</sup> e experiências, grupos de estudo e pesquisa, atividades formativas e reivindicações pela Lei nº 10.639/2003. Alguns CENs não restringem suas estratégias e ações apenas dentro da instituição que, em determinados momentos, são realizadas em datas comemorativas ou em participações em eventos.

Todas essas ações formativas e educativas mencionadas, de certa forma, levam à reflexão para os desafios das organizações negras ao longo da história na luta pela educação e chama a atenção, utilizando o mesmo viés de Gomes (2017), para a maneira como os CENs educam a comunidade acadêmica para compreender e se posicionar contra o racismo ao mesmo tempo em que eles igualmente são educados. A universidade é o espaço onde estão politizando, aprendendo a lidar, a construir uma militância e ampliando o seu conhecimento de maneira criativa, provocadora e inventiva.

Os CENs expressam forte relação com o histórico de lutas das organizações negras desde a década de 1930, colocando a educação e a necessidade de ocupar espaços de poder como pautas prioritárias. Portanto, representam na trajetória de mobilização do movimento negro

11 Importante ressaltar que os dados também mostram que muitos integrantes dos CENs, com base em suas experiências, acabam sendo motivados em descrever e analisar a trajetória de outros estudantes negros e negras integrantes dos coletivos os quais estão vinculados ou mesmo escrever sobre as atividades e ações desenvolvidas nesses CENs. Nisso, também é notório o significativo aumento das produções acadêmicas (monografias, dissertações, teses, artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, trabalhos apresentados e publicados em eventos, livros, etc) desenvolvidas por negros(as).

uma especificidade relacionada ao momento da história pós-adoção da ação afirmativa, em que esse processo no ensino superior brasileiro potencializa a emergência dessas “novas” formas de sociabilidade da juventude negra e de novos sujeitos políticos.

Desse modo, é cabível ressaltar que estou entendendo os coletivos como lugares de socialização dentro da universidade, que também possui esta finalidade. Tal entendimento decorre do fato de que os coletivos funcionam como agentes socializadores. Nesse caso, ligada às experiências dos sujeitos e a um conjunto de práticas sociais, guiadas pelas tensões e conflitos perenes nas estruturas sociais e arranjos institucionais.

## Considerações Finais

Na atual conjuntura de entrada da juventude negra e periférica nas universidades públicas brasileiras, é possível observar a emergência dos chamados Coletivos de Estudantes Negros e Negras nesses espaços, antes, destinados a estudantes brancos e com condições financeiras estáveis para manter a permanência no curso escolhido.

Com a presença desses corpos negros, potencializados pela experiência de ações afirmativas, a universidade começa a ser provocada e questionada, visto que os estudantes buscam combater o racismo, assegurando e garantindo os direitos de pessoas negras, especialmente, no que tange o acesso e permanência nas universidades, objetivando contribuir no processo político de (re) construção da identidade.

Semelhante a isso, chama atenção as formas como se organizam, as experiências dos integrantes e as tensões internas, visto que são multifacetários, tendo a raça enquanto uma organização coletiva, mas que também se valem de outras tantas clivagens sociológicas de diferenciação. Nesse processo, buscam a desconstrução de paradigmas estabelecidos (de práticas e discursos naturalizados e essencialistas) e novas narrativas associadas ao termo negro, atualizando o nosso entendimento da pluralidade ou da multiplicidade das formas de ser negro. Com isso, tocam na política educacional promovendo mudanças significativas que já podem ser observadas, mas que ainda precisam ser avançadas.

Neste artigo, a proposta foi trazer algumas ações desenvolvidas pelos CENs a partir da sua dimensão educacional que resgata a trajetória política e de luta de personagens negros/as brasileiros e afro-diaspóricos e suas produções intelectuais, bem como a memória das organizações negras do passado seja contando a história, trazendo a biografia, explicando os significados, problematizando os silenciamentos de modo que as experiências e as contribuições para o conhecimento deixadas por Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales, Virgínia Bicudo, Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, entre outros que estão construindo suas trajetórias continuem a pertencer e inspirar às futuras gerações.

De modo análogo, remeter a esse passado memorialístico é crucial para entender as relações raciais e o movimento de reivindicação por um currículo diverso e inclusivo proposto pelos CENs, além de repensar a importância de várias organizações negras utilizarem o mesmo nome, trazendo a ideia da Frente Negra Brasileira - criada em 1931 - que reuniu, pela primeira vez, os variados movimentos negros em torno de uma organização comum.

Percebe-se nessas atitudes, que o intuito dessas ações é combater a invisibilidade histórica imposta a pessoas negras ou aquelas que ainda têm seus corpos-epistemologias negadas ou mesmo subalternizadas, o que implica no esforço de recuperar o protagonismo na luta contra o racismo e pelo acesso à educação e, em especial, mostrar a capacidade de agentes negros produzirem conhecimento que visam contribuir para que os saberes, as práticas e os símbolos relacionados à cultura negra sejam valorizados.

Em suma, os estudantes negros e negras buscam transgredir com o conhecimento, descolonizar práticas e pensamentos, questionar os discursos hegemônicos e os binarismos hierarquizados das relações mediante diferentes formatos na produção e transmissão de ciência, sempre conectados a um passado de lutas dos corpos negros que já haviam preparado e fortalecido o terreno para essas novas e outras formas de luta. Trata-se de uma política coletiva que vai além das estratégias de resistência, mas sim, um movimento no campo político, cultural, estético e

subjetivo que também expressa práticas e ações coletivas insurgentes.

Os CENs, na trajetória de mobilização do movimento negro - representado por esse momento da história, pós-ação afirmativa - expressam forte relação com o histórico de lutas das organizações negras desde a década de 1930, colocando a educação e a necessidade de ocupar espaços de poder como pautas prioritárias. Desse modo, é possível dizer que há uma continuidade de luta, porém na perspectiva do reconhecimento e do direito às diferenças.

## Referências

APPIAH, Kwame Anthony. **Lines of descent**: W.E.B. Du Bois and emergence of identity. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2014.

ARAGÃO, JORGE. Identidade. *In*: **Chorando Estrelas** (álbum). Faixa 10. RGE Catálogo, São Paulo, 1992.

BERNADINO-COSTA, Joaze *et al.* Introdução: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. *In*: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramon (org). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades, 1º reimpressão).

BRAH, Avtar. A diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* (26), jan./ jun. 2006. p. 329-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf> . Acesso em: 05 ago. 2018.

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 janeiro de 2003**. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm) . Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20072010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 20 set. 2019.

CARVALHO, José Jorge de. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **PADÊ**: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. UniCEUB, FACJS. vol. 2, n. 1, 2007, p. 31-50.

COSTA. Andrea Lopes da. Ações afirmativas e transformações no campo intelectual: uma reflexão. **Revista Educação & Sociedade**, nº 43, 2022. Sessão especial “Ações Afirmativas de promoção da igualdade racial na Educação: lutas, conquistas e desafios”.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, vol. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf> . Acesso em: 28 ago. 2018.

DU BOIS, W.E.B. **As Almas da Gente Negra**. Tradução: Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

ERICKSON, Sandra Fernandes; ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel. Texto de apresentação. Apresentação do Número Especial. *In*: **Ayé: Revista de Antropologia da UNILAB**. Edição Especial. FIRE!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston, Seção tradução. Mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/645>. Acesso em: 01 set. 2021.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo. **“Vozes negras” na história da educação**: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002). 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

GATES Jr, Henry Louis. Zora Neale HURSTON: “A negro way of saying”. Posfácio. *In*: HURSTON, Zora Neale. **Tell My Horse** – Voodoo and life in Haiti and Jamaica. Series editor: Henry Louis Gates, Jr. New York: Harper Collins e-book, 2008.

GIACOMINI, Sonia Maria; TERRA, Paulo. Negro: os desafios do “racismo institucional”. *In*: LOPES, José Sérgio Leite; Heredia, Beatriz Maria Alasia de (org.). **Movimentos sociais e esfera pública**: o mundo da participação: burocracias, confrontos, aprendizados inesperados. Rio de Janeiro: CBAE, 2014.

GILROY, Paul. **Atlântico negro**: modernidade dupla consciência. São Paulo: Editora 34, Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2º edição).

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, jan-abr 2012. Disponível em: [RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS \(curriculosemfronteiras.org\)](http://www.curriculosemfronteiras.org) . Acesso em: 28 jul. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Periferia**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3428/0>. Acesso em: 04 maio 2018.

HALL, Stuart. “New ethnicities”. *In*: CHEN, Kuan-Hsing; MORLEY, David. **Stuart Hall**: Critical dialogues in cultural studies. New York: Routledge, 1996. p. 441-449.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as resoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, jul./dez. 1997a. p. 15-46. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 18 abr. 2018.

HALL, Stuart. The work of Representation. *In*: **Representation**: Cultural, Representation and Signyng Proctires. London: Sage, 1997b. Disponível em: [https://uk.sagepub.com/sites/default/files/upmbinaries/66880\\_The\\_Work\\_of\\_Representation.pdf](https://uk.sagepub.com/sites/default/files/upmbinaries/66880_The_Work_of_Representation.pdf) . Acesso: em 18 abr. 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovik, Tradução: Adelaine La Guardia Resende. *et al*, Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação UNESCO no Brasil, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Org. e revisão técnica Arthur Ituassu, Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994, p.423-483

LIMA, Stephanie. **“A gente não é só negro!”**: Interseccionalidade, experiência e afetos na ação

política de negros universitários. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

NASCIMENTO, Eliane Quintiliano. **Movimentos sociais na escola**: a parceria entre o coletivo negra e a escola pública no combate ao racismo. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação *Lato Sensu*, em Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola) – Universidade Federal do Espírito Santo, UNIAFRO e NEAB/UFES. Vitória/ ES, 2016.

MESQUITA, M. R. **Juventude e movimento estudantil**. O «velho» e o «novo» na militância. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MUNANGA Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. Coleção cultura negra e identidades. Editora Autêntica, 2012.

OLIVEIRA, Guilherme dos Santos. **Coletivos de estudantes negros no ensino superior brasileiro**: políticas da diversidade e organização política estudantil. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, Centro de Educação e Humanidade, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense Duque de Caxias, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Instituto Kuanza: São Paulo, 2006.

SANTOS, Sérgio Pereira dos. **Os ‘intrusos’ e os ‘outros’ quebrando o aquário e mudando os horizontes**: as relações de raça e classe na implementação das cotas sociais no processo seletivo para cursos de graduação da UFES – 2006-2012. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SILVA, Nádia Maria Cardoso da. Guerreiro Ramos: um pensamento brasileiro decolonial na década de 50-60 do século XX. **Revista Analéctica**. Arkho Ediciones, Argentina. vol. 3, n. 23, jul./ago. 2017. Disponível em: <https://arkhoediciones.com/analectica/analectica/index.php/analectica/article/view/223>. Acesso em: 27 ago. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e Diferença**: A Perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

TRINDADE, Luana Ribeiro da. 2018. **Universitários negros**: Acesso ao saber escolar e o processo de (re)construção da identidade. Dissertação (Mestrado). Vitória: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

TRINDADE, Luana Ribeiro da. 2021. **Fortalecendo os fios: a emergência dos coletivos de estudantes negros e negras em universidades da região sudeste**. Tese (Doutorado). São Carlos: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, 2021.

TRINDADE, Luana Ribeiro da. As estratégias de resistência e enfrentamentos: desdobramentos na consolidação dos Coletivos de Estudantes Negros(as) nas universidades brasileiras. **PLURAL (SÃO PAULO. ONLINE)**, v. 29, p. 80-100, 2022

WOODWARD, Kath. Identity matters: psychosocial selves. HALL, Stuart; GAY, Paul du. *In*: **Social sciences the big issues**. Traducción de: Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

WOODWARD, Kath. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz

Tadeu da. (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

Recebido em 01 de março de 2023.

Aceito em 23 de maio de 2023.